

(Gênero, Sexualidade e Religiões)

**A farsa do Deus branco, macho e hétero: a concepção do divino a partir de grupos neonazistas de supremacia masculina**

João Guilherme Aldegueri Marques<sup>1</sup>

**Resumo**

Este trabalho aborda a realidade urgente de grupos neonazistas e supremacistas masculinos, explorando suas concepções de Deus e o papel das religiões no contexto atual. A pesquisa examina a "machosfera" e o neonazismo, abordando questões identitárias, religiosas e de gênero. A metodologia inclui os desdobramentos de meu Trabalho de Conclusão de Curso, a partir de uma análise virtual desses grupos e quatro entrevistas etnográficas. O objetivo é entender como as religiões fornecem fundamentos teóricos e como esses grupos utilizam as religiões e as ideias de Deus para fins coletivos e pessoais.

**Palavras-chave:** Neonazismo; Machosfera; Teocracia; Gênero; Religião.

**Abstract**

This work addresses the urgent reality of neo-Nazi and male supremacist groups, exploring their conceptions of God and the role of religions in the current context. The research examines the "machosphere" and neo-Nazism, addressing issues of identity, religion and gender. The methodology includes the results of my Final Course Work, based on a virtual analysis of these groups and four ethnographic interviews. The aim is to understand how religions provide theoretical foundations and how these groups use religions and ideas of God for collective and personal ends.

**Keywords:** Neo-Nazism; Machosphere; Teocracy; Gender; Religion.

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais (bacharel) pela Universidade Estadual de Londrina. Pesquisador da machosfera e do neonazismo. Email: [joao.guilherme1@uel.br](mailto:joao.guilherme1@uel.br) / [joaoaldegueri@hotmail.com](mailto:joaoaldegueri@hotmail.com)

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

## 1. INTRODUÇÃO

Os procedimentos práticos e teóricos presentes neste trabalho fazem parte de uma extensão do Trabalho de Conclusão de Curso escrito por mim, no ano de 2024, e cujo o título é: “A Machosfera e o Neonazismo”. Nesse sentido, utilizarei do mesmo material coletado durante minha pesquisa de graduação, bem como construirei as considerações a partir do mesmo sujeito de pesquisa. De modo específico, este texto se desdobrará a partir de outra realidade também contemplada no trabalho original: a figura de Deus e o papel da religião diante destes coletivos. De modo prático, utilizarei da análise de 02 das 04 entrevistas etnográficas realizadas durante o processo de pesquisa, bem como dos textos e produções culturais das artistas trans *queers* “Ventura Profana” e “Podenserdesligado, que serão desenvolvidos a partir do segundo capítulo e serão responsáveis pela análise teórica da figura do “Deus” transposto por esses grupos. Essa pesquisa se trata de uma etnografia digital, no qual o ambiente de campo se é a *internet* (*Surface Web* e *Deep Web*).

### 1.1 A machosfera

O termo "machosfera" surge na década de 1970, em meio à insatisfação com as conquistas dos direitos das mulheres, ao preconceito e às ideias da extrema direita, criando um cenário propício para a disseminação desses grupos. Esses movimentos se originaram dos movimentos de libertação masculina das décadas de 1970-1980 e, com o tempo, o termo passou a descrever homens alinhados a esses ideais. Novas comunidades, como os *incels* e *PUA's*, integraram-se à machosfera em um contexto mais recente (VILAÇA; D'ANDREA, 2021). Esses espaços virtuais abrigam uma diversidade de discussões, centradas na revolta social e no comportamento dos indivíduos em relação à sociedade (MARQUES, 2024). A machosfera inclui subgrupos como *incels*, *mgtows*, *PUA's*, e denominações ligadas às "pílulas do conhecimento" (*redpills*, *blackpills*, *bluepills*, *whitepills*, *purplepill*), cada um com características distintas.

### 1.1.1 *Incels*

São meninos de 12 a 25 anos que se reúnem em ambientes virtuais como a *Deep Web*, atraídos pelo alto teor de violência e ódio, principalmente contra mulheres e figuras não cisnormativas. Conhecidos como "*incels*" (abreviação de "*involuntary celibates*" ou "celibatários involuntários"), eles acreditam que as mulheres existem apenas para satisfazer os prazeres masculinos. Para eles, existe uma "guerra" entre os sexos, onde os homens são as verdadeiras vítimas da sociedade, enquanto as mulheres usam feminismo, machismo e feminicídio para conquistar status e inferiorizar os homens (ANDRADE, 2021; SANTOS, 2022; MARQUES, 2024; OLIVEIRA, 2020).

Dentro da comunidade *incel*, há classificações como os "*chads*" (*incels* "*alfa*") e "*betas*". "*Chads*" são fisicamente e intelectualmente superiores, mas ainda discriminados por outros *incels*; alguns são sexualmente ativos. "*Betas*" são considerados sem atrativos e incapazes de conquistar relações amorosas ou sexuais. Para muitos *incels*, a mulher é vista como desnecessária, e há casos em que buscam relações sexuais com homens, sem se considerarem *gays*, como resultado da dificuldade em se relacionar com mulheres. Esses grupos têm uma conexão direta com atentados e massacres em escolas, além de outros crimes graves (MARQUES, 2024).

### 1.2.1 *Mgtows*

Os *MGTOWs* (*Men Going Their Own Way*), seguem uma filosofia antifeminista, pregando a liberdade dos homens e a rejeição de relacionamentos com mulheres, que são consideradas irrelevantes. Esses homens defendem que podem construir suas vidas e carreiras sem a necessidade de envolvimento com o sexo oposto. Embora possam parecer similares aos *incels*, os *MGTOWs* têm uma militância ideológica e política mais estruturada, com o objetivo de combater as ideias feministas. Diferente dos *incels*, expressam ódio e violência com menor frequência e têm uma faixa etária mais velha, geralmente entre 30 e 70 anos. Eles estão fortemente

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

presentes em grupos de extrema direita (MARQUES, 2024; MGTOWS, 2019; THISOTEINE; et al, 2021).

### 1.3.1 Pua's

O grupo "*Pick Up Artist*" (*PUA*) consiste em comunidades masculinas que praticam a "arte da sedução". Esses homens, que relatam dificuldades em se relacionar com mulheres, buscam treinamento de "gurus do sexo" e "coachs de relacionamentos" para melhorar suas habilidades. O movimento, que se opõe aos ideais feministas, ensina técnicas de sedução e busca restaurar a liderança masculina nas relações com mulheres. Os *PUA's* operam na *Deep Web* e em plataformas como *WhatsApp* e *Telegram*, onde vendem conteúdos e oferecem aulas para melhorar o desempenho masculino nas interações com o sexo oposto (MARQUES, 2024; PUA, 2009).

### 1.3.2 Pills

Os termos relacionados às "pílulas do conhecimento" são inspirados no filme *Matrix* (1999), onde a pílula azul mantém o personagem na ignorância, enquanto a pílula vermelha revela a verdade. Com base nisso, surgiram subculturas como *redpill* e *bluepill*. Os *redpills*, predominantemente homens, acreditam ter acesso a uma "verdade" oculta, que desafia o feminismo, considerando os homens como as verdadeiras vítimas da sociedade. Essa subcultura é marcada por discursos misóginos, antissemitas e com ligações à extrema direita, embora sua violência seja menos explícita do que a dos *incels* (MARQUES, 2024; SILVA, 2019; FERREIRA; DE ALMEIDA, 2023).

Os *bluepills*, por sua vez, são vistos pelos *redpills* como aqueles que ainda não despertaram para essa "verdade". Outras subculturas incluem os *purplepills*, que estão indecisos entre *redpill* e *bluepill*; os *blackpills*, que são *redpills* com uma visão mais sombria e próxima dos *incels*; e os *whitepills*, que, apesar de compartilharem a visão *redpill*, preferem o diálogo à violência (MARQUES, 2024; SILVA, 2019; FERREIRA; DE ALMEIDA, 2023).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

### 1.3.3 O movimento neonazista

O neonazismo é um movimento que resgata o nazismo com ideais reformulados para atrair mais adeptos no contexto atual. Esse movimento tem crescido rapidamente, com um aumento de 280% nas células neonazistas no Brasil nos últimos anos (MARQUES, 2024; DIAS, 2007; 2018). Diferente do nazismo original, que promovia a supremacia da raça ariana, o neonazismo atual incorpora novas pautas, como ideologia de gênero, anti-imigração, e negacionismo, utilizando apelos ao patriotismo e à preservação de valores tradicionais.

No Brasil, o neonazismo é menos visível publicamente, com grupos operando discretamente. Embora figuras como o ex-presidente Jair Bolsonaro compartilhem ideais semelhantes, não se identificam como neonazistas. O movimento brasileiro é ideologicamente miscigenado, influenciado por grupos de outros países, como EUA e Alemanha, e continua a se expandir alarmantemente (DIAS, 2018; MARQUES, 2024).

### 1.3.4 A machosfera e o neonazismo

A presença de manifestações preconceituosas, como antissemitismo, racismo, xenofobia e misoginia, são comuns entre membros da machosfera, muitos dos quais também participam de células e fóruns neonazistas. Durante a pesquisa, grupos na *deep web* e no *Telegram* foram monitorados, revelando discussões que exaltam Hitler, promovem ideologias racistas e compartilham imagens e vídeos violentos. Embora a machosfera e o neonazismo tenham origens diferentes—com o neonazismo focado na pureza racial e o movimento masculinista na oposição ao feminismo—, ambos os grupos frequentemente compartilham discursos e atitudes similares (MARQUES, 2024).

### 1.3.5 As concepções de Deus e religião presentes nestes grupos

De forma geral e como já mencionado anteriormente, esses grupos são

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

compostos em sua imensa maioria por um perfil social de homens quase que único. De acordo com a minha análise etnográfica ao longo da pesquisa, pude perceber que quase todos, senão todos os homens inseridos nesses ambientes eram héteros e cisnormativos, pertencentes à extrema direita, católicos apostólicos romanos. A quantidade de homens pretos também era um fator significativo, no entanto, mesmo diante deste contexto, a presença de homens brancos continuava a ser superior. Obviamente também existiam homens de outras religiões (Congregação Cristã do Brasil; Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igrejas protestantes e pentecostais de modo geral), no entanto, a prevalescência sempre foi católica, e a pertença a outras Igrejas e/ou religiões nunca se distanciava uma da outra de maneira abrupta, ou seja, não existiam membros pertencentes à outras denominações religiosas mais distantes, como o espiritismo, a umbanda, o candomblé, dentre outros.

A imagem de Cristo propagada nestes espaços sempre era a mesma: um homem, hétero, normativo, branco e alinhado aos ideais do grupo. Tão alinhado aos ideais do grupo, de forma que os mesmos não demonstravam acreditarem que a figura de Jesus seria um exemplo de pureza, castidade e preservação, pelo contrário, ao se referirem a “Jesus”, estes homens sempre direcionavam suas opiniões à uma crença de que, segundo eles, “Jesus comia todas, era um apreciador de buceta”. A concepção do Deus desses homens também se mostra a ser a mesma de muitos dos brasileiros. Um Deus homofóbico, transfóbico, pró-Israel, e que segundo eles, com toda a certeza, compactua com seus ideais de vida pessoais e coletivos. Estes diversos homens emanam ter a certeza que, caso Jesus retornasse, o mesmo andaria e seria companheiro deles, defenderia as pautas destes grupos e exerceria a mesma militância que estes grupos exercem.

No decorrer do próximo capítulo, iremos compreender de maneira mais sucinta, quais são as falas daqueles que participam destes grupos, no que se refere às questões religiosas e da figura de Deus. Poderemos analisar o perfil, e às ideologias desses indivíduos, bem como às diversas falas e pensamentos proferidos pelos mesmos.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

## 2. Desenvolvimento

Neste capítulo, baseio-me em duas das quatro entrevistas etnográficas realizadas durante sua pesquisa, especificamente com José Bento e Cássio Guilherme. Ambos discutiram o papel da Igreja Católica e a importância de Jesus Cristo e do Deus cristão. O autor apresenta as entrevistas, seguidas de sua análise, com todo o material coletado registrado em seu caderno de campo. As entrevistas, realizadas virtualmente pelo *Google Meet* entre setembro e dezembro de 2023, foram conduzidas com o consentimento dos participantes, que estavam cientes da finalidade da pesquisa e da posição crítica do autor em relação às suas ideologias.

### 2.1 Entrevistado 02 – José Bento – MIP (Movimento Identitário Paulista)

*José Bento* foi conhecido através do *Instagram* e optou por não revelar seu nome verdadeiro. Ele está associado ao MIP (Movimento Identitário Paulista), que busca preservar a cultura caipira paulista e enaltecer heróis e grupos históricos do estado. Embora o MIP aparente promover uma expressão igualitária em relação às diferentes etnias, é um grupo racista com ideais eugenistas e de glorificação dos colonizadores. A entrevista com José Bento foi marcada para de madrugada por questões de segurança e privacidade, e ele escolheu manter a webcam desligada, o que não impediu a análise do ambiente e de suas características pessoais. O entrevistado possui dezoito anos, é heterossexual e descendente de europeus. Não mencionou em nenhum momento em qual cidade ele residia, passando a dizer somente a respeito do estado de São Paulo. No início da entrevista, *José* demonstrou preocupação extrema acerca das informações concedidas na entrevista se tornarem públicas. *José Bento* se mostrou ser um entusiasta do conservadorismo e admirador do anarcocapitalismo, demonstrou receio em expor suas ideias por medo de punição, embora garantisse que sua identidade não seria revelada. Ele se identificou como conservador, católico e apoiador de Adolf Hitler, mas evitou se considerar simpatizante do nazismo ou de

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

subgrupos da machosfera, possivelmente para proteger sua integridade. Durante a entrevista, *José* afirmou que o nazismo foi criado pelos próprios judeus e descreveu *Mein Kampf* como um manifesto político e social não eugenista e não antisemita, mas influenciado por mitologia e misticismo europeus. Para *José*, não somente o Holocausto foi uma farsa histórica, como também os fatos de os campos de concentrações serem ambientes de genocídio. Tais campos serviam de espaço de alojamento para prisioneiros políticos e arruaceiros comunistas contrários à reforma social de Hitler, segundo ele:

“Pra você ter uma ideia, João, as portas dos campos eram todas de madeira, se alguém quisesse fugir, era só arrombar, pode até procurar as fotos no *Google* que você acha. Outra coisa é que o cianeto foi uma farsa. Se você pesquisar, também vai ver que a quantidade de cianeto que foi usada era impossível de matar qualquer pessoa. Esse cianeto todo que as pessoas falam e ficam fazendo polemica, era usado como inseticida para matar a infestação de percevejos. É humanamente impossível que em cinco anos, seis milhões de pessoas fossem mortas, imagina quantos soldados ia precisar pra dar fim em tanta gente? Auschwitz, por exemplo, tinha só cinco fornos, e leva mais ou menos uma hora pra conseguir torrar um corpo só, então é impossível que tanta gente tenha morrido. Esse povo aí que morreu era gente que morreu por alguma doença e etc e eles usavam os fornos só pra cremar mesmo”.

(Fala registrada durante a entrevista e retirada do caderno de campo).

Ainda sobre a questão judaica e do Holocausto, *José* me disse que judeus são responsáveis pelo controle de todo o mundo, desde o *Google*, Grupo Globo e também do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Segundo ele, os dez cargos de maior poder econômico do mundo são pertencentes aos judeus. Também segundo *José*, a “etnia” judaica estaria planejando algo para o futuro, como uma estratégia de dominação mundial e étnica. Ao lhe questionar a respeito da miscigenação ocorrida no Brasil, *José* me trouxe a seguinte perspectiva:

“É comprovado cientificamente que a não miscigenação diminui o QI, e isso faz muito mal, por isso que o Brasil é ruim desse jeito. Essa coisa de raça com raça não traz nada de bom. Nesse sentido a miscigenação é até meio boa porque meio que limpa um pouco as raças ao

longo do tempo, e eu acho que trazer pessoas de fora pra cá, igual o Vargas fez, foi uma coisa muito boa, a gente só não tá tão fudido agora por causa disso, mas sei lá, acho que o Brasil tem tanto neuro divergente por causa disso tudo aí. Você pode perceber também que todo mundo que tá hoje na cadeia preso, não é miscigenado. O pardo, por exemplo, é totalmente degenerado, olha as periferias do Brasil também, todo mundo usando droga, viciado e matando e roubando, porque a periferia é uma concentração desse povo menos miscigenado. Acho que o melhor pra todo mundo é ser eurodescendente ". (Fala registrada durante a entrevista e retirada do caderno de campo).

O assunto seguinte foi a respeito da comunidade LGBTQIAPN+. José definiu essa comunidade como uma cultura “walk”, ou seja, pessoas que acreditam estarem “acordadas” no que se refere às questões sociais, mas que para ele, não estão. Segundo o entrevistado, e de acordo com a fala transcrita a seguir, os indivíduos que se reconhecem como homossexuais precisam ficar em casa:

“Gay tem que ficar lá na casa dele, escondido. Eu não sou homofóbico, pra mim, se quer ser gay que seja, o problema é dele, mas seja gay na sua casa, longe de mim e dos outros, entendeu? Ninguém é obrigado a ficar lidando com essa gente toda”. (Fala registrada durante a entrevista e retirada do caderno de campo).

Ao lhe perguntar sobre as questões relacionadas ao gênero, José respondeu que a mulher em nossa sociedade atual se encontra totalmente degenerada, sendo tudo “hoje em dia”, culpa do homem. Para ele, seria necessário que um regime patriarcal fosse instalado em nosso Estado para dessa forma as coisas entrarem novamente em seus eixos de organização. A respeito das comunidades *incels*, *redpills*, *PUA's* e *mgtows*, José diz estar de acordo com os pensamentos e atitudes de todos esses grupos, mas não se considera membro de nenhum deles.

Seguindo o diálogo, perguntei a José a respeito da influência da religião na sua vida, suas ideias e sua família. José me respondeu acreditar em um Deus tipicamente europeu: branco, de olhos claros e cabelos claros, segundo ele, quase loiros. Eu lhe perguntei qual seria o motivo de ele o pensar Deus dessa forma e ele me respondeu:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

“Eu imagino Deus igual imagino Jesus e Maria. Jesus, Maria e José eram brancos. Hoje existe essa história do Jesus histórico, baseado nas cores de pele da época, mas eu não acredito, e na verdade não sei porque algum idiota acreditaria nisso. As pessoas querem politizar tudo, até a imagem de Jesus. Se Deus é a imagem e semelhança do homem, que seja do homem que realmente fez e faz alguma coisa pelo mundo e pelas pessoas: os europeus. Se não fossem os europeus, a gente não teria nada. Até os EUA precisam reconhecer isso. A Europa deu aos EUA a chance deles progredirem. Se não fosse a Europa, metade do mundo ainda não ia ter sido “descoberto”. (Fala registrada durante a entrevista e retirada do caderno de campo).

Continuando a conversa, indaguei *José* a respeito do porque sua fé professada ser a católica:

“Bom, João. A Igreja Católica é a única que mantém a sucessão apostólica, que veio diretamente de Jesus e dos apóstolos, o resto foi fundado por gente que se achou no direito de ser “deus”. A católica é a única religião que preserva os valores da família de um jeito certo, que leva a sério a modéstia e coisas do tipo. Tem algumas evangélicas que também são “da hora” nesse sentido, tipo a Congregação e a Assembleia de Deus. Eu na verdade sou meio contra ao modelo de Igreja que a gente tem hoje, eu preferiria que a Igreja fosse como era antes da década de 50. O Concílio Vaticano II acabou com a maior parte dos valores cristãos que a gente ainda tinha. Daqui a pouco até gay e mulher vai poder ser padre” (Fala registrada durante a entrevista e retirada do caderno de campo).

Por fim, perguntei a *José* a respeito de sua opinião sobre o Papa Francisco, e qual seria seu pensamento para se caso Jesus voltasse em breve para a Terra. *José* respondeu:

“Pra mim o Papa Francisco não é meu Papa preferido. Eu gosto muito dos exemplos dos papas da inquisição, eles sim eram católicos de verdade. Eu acho que o Papa Francisco é um herege, se bem que pra mim ele só fala as merdas que ele fala pra tentar não perder mais católico. Quem é comunista não fica mais na Igreja do jeito que o mundo ta hoje. Esse Papa aí ta tentando alterar algumas coisas que ele nem tem poder de mudar, porque só quem tem é Deus, e ele faz isso só pra atrair mais gente. Agora do que você perguntou se Jesus voltasse hoje. Eu acho que Jesus nem ia querer voltar, mas se ele voltasse, ele ia matar todo mundo. Acho que nem Jesus tem paciência

com o povo mais. As pessoas foram avisadas, ninguém é burro, todo mundo teve oportunidade de escolher que caminho seguir. Se Jesus voltasse ele ia tacar fogo em tudo e só ir embora. Claro que algumas pessoas, pessoas que mantêm os bons costumes e defendem de verdade a pátria, a família e essas coisas, ele ia poupar. Ele é onisciente e onipresente, ele sabe de tudo". (Fala registrada durante a entrevista e retirada do caderno de campo).

José defende um Deus antigo, branco, hétero, e eugenista, que pune aqueles que não se alinham às suas expectativas e detesta o "diferente". Esse Deus é visto como um símbolo de opressão e dizimação de povos. As ideias de José, apesar de extremas, refletem a visão comum entre a extrema direita. A seguir, será analisada a entrevista com Cássio Guilherme, fundador do MIL-B.

### 2.1.1 Entrevistado 04 (Cássio Guilherme) – Presidente do MIL-B (Movimento Integralista e Linearista Brasileiro)

Em 27/10/2023, entrevistei Cássio Guilherme, presidente do Movimento Integralista e Linearista Brasileiro (MIL-B), conhecido por sua militância em redes sociais e figura pública. Cássio, um homem branco entre 45 e 55 anos, com cabelos longos e escuros, foi entrevistado em seu escritório, revelando seu nome e ambiente. Ele começou sua militância em 1978, influenciado pelos livros do Movimento Integralista Brasileiro (AIB) e pelo filme O Soldado de Deus. Graduado em engenharia civil pela UFRJ e ex-presidente do Centro Acadêmico, Cássio admirou Plínio Salgado e leu suas obras.

O MIL-B, fundado em 2023, mistura elementos do Integralismo com conceitos das Ciências Exatas e da Natureza. A ideologia do MIL-B enfatiza nacionalismo, espiritualidade e nativismo. Cássio defende um Estado Orgânico associado a sindicatos, um Poder Moderador com uma monarquia tripartite incluindo negros, indígenas e europeus, e promove vegetarianismo e veganismo, referindo-se a isso como harmoniocracia. Quando lhe questionei sobre suas opiniões e a respeito do movimento nazista, Cássio teceu inúmeras afirmações de defesa ao nazismo e descredibilizando a quantidade de mortes.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Chegando ao fim da conversa, lhe perguntei se caso fosse eleito para algum cargo, e/ou pudesse organizar uma revolução, qual ou quais aspectos ele mais se empenharia para modificar. E ele me respondeu:

“Primeiro acho que trazer um Estado Teocrático, né, baseado nos princípios do MIL-B, que já falei aqui pra você. Também acabar com esse negócio de “direita e esquerda”, porque no fim é tudo igual.

Acabar com todos os partidos também. O governo precisa ser orgânico, formado pelo poder cooperador e com a presença de todos os sindicatos. O voto também precisa passar a ser distrital<sup>51</sup>, com a implementação da municipalização do governo”. (Fala registrada durante a entrevista e retirada do caderno de campo).

Cássio Guilherme, embora concorde com ideologias da machosfera, rejeita a violência e o ódio. Ele defende a supremacia branca e a superioridade masculina, é simpático a ideias misóginas e eugenistas, mas não participa de grupos machosfera. Cássio está engajado na criação de uma identidade política baseada na religião e na teocracia. Tanto Cássio quanto José Bento compartilham uma visão misógina, eugenista e preconceituosa sobre Deus e religião, com crenças racistas e lgbtfóbicas, e ambos parecem ter uma concepção similar de Deus.

### 2.2.1 O enfiadescer de Cristo

Nesta seção do segundo capítulo, utilizarei das produções artísticas e teóricas das artistas “Ventura Profana y Podenserdesligado”. Ventura Profana é uma artista visual, compositora, cantora e performer. Teve sua vivência dentro da Igreja Batista, e atualmente estuda as implicações do deuteronismo no Brasil, através da ideologia neopentecostal. Podenserdesligado é uma artista musical e visual, formada pela Escola de Belas Artes da UFRJ, e que estuda os fenômenos sociais atrelados aos fenômenos sonoros da sociedade.

Seguindo daqui, irei analisar e dissertar sobre o álbum “Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor”, produzido pelas duas artistas. O álbum foi lançado no ano de 2020, em pleno auge da pandemia de COVID-19, e conta com seis canções autorais que nos trazem diversas reflexões acerca da concepção de Deus e da Igreja. A primeira música, intitulada Phytón. A música é uma obra de arte que mescla

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

elementos religiosos e de resistência, trazendo o termo Phytton, que se refere a serpente de Adão e Eva, no Velho Testamento da Bíblia, e também a serpente na qual as diversas figuras de Maria, aparecem pisoteando. A música trás uma repetição à palavra Phytton e à diversos itens valiosos presentes na bíblia, como por exemplo: mirra, incenso, perfume e azeite. As autoras sugerem durante a canção, estarem calçando uma “bota de Phytton”, feita para pisar na cabeça do Senhor (Deus). Segue abaixo alguns trechos da música:

“Preparo os meus pés pra batalha... Phytton, Phytton, Phytton  
Eu fui no terreno do inimigo e tomei tudo que Ele me roubou  
Mirra, incenso, perfume e azeite[...]  
[...]Carros, cavalos e almas de homens[...]  
[...]Trava triunfa sobre este lugar  
Bota de Phytton, para pisar na cabeça do Senhor[...]  
[...]Armam-se com poderes espirituais  
Guerra! De baixo do meu pé”. (Ventura Profana y Podenserdesligado, 2020).

Se faz interessante o modo como as autoras realizam uma analogia, entre a serpente, que no cristianismo simboliza o diabo, como um instrumento de guerra para roubar e trazer de volta o que Deus (no caso o inimigo), nos roubou ao longo da história.

A segunda música do álbum se trata “Homemzinho Torto”. A canção retrata este “homemzinho”, como sendo o homem, hétero, cisnormativo, branco e religioso. A letra aborda temas como machismo, racismo, transfobia e resistência. Durante toda a música, existe a repetição da palavra “superabundou”, que além de significar resistência, também sugere um aumentativo do termo popular “bunda”. A canção trás referências bíblicas e conota a figura de Deus no feminino, o tratando pelo nome de “Deize”. Segue abaixo alguns trechos da música:

“Onde o macho abundou, superabundou as travas  
Superabundou, Superabundou, Superabundou, Superabundou  
Havia um homem torto  
Morava numa casinha torta  
Toda sua vida era torta

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Um dia esse pequeno homem  
A trava encontrou  
E tudo que era torto  
A trava derrubou[...]

[...]Se Deize é por nós, quem será contra nós? (Ventura Profana y Podenserdesligado, 2020).

Se mostra interessante, como as artistas colocam o homem religioso em um “não-lugar”, o chamando até mesmo de “pequeno” e inferiorizando a sua realidade e sua história, o que geralmente é feito de forma contrária.

A terceira canção presente no álbum, se chama “Restituição”, nessa música “Ventura Profana” se coloca na posição de intercessora, aquela que mesmo diante de seus traumas e feridas, se coloca a disposição de recuperar tudo aquilo que um dia foi roubado pela religião e pela figura do Deus cristão. A própria artista descreve essa canção como “onipresente, onipotente e onisciente”. A partir da repetição da palavra “restituição”, a artista profetiza a realidade da vida travesti. Segue alguns trechos da música:

“Tremam todos os habitantes da Terra

Pois o dia da trava está por vir[...]

[...]Restituição da condição de Besta a qual me foi atribuída

Aqui estou, como intercessora, com os joelhos feridos[...]

[...]Pelo clamor do ser[...]

[...]Eu quero de volta tudo que o devorador roubou

Nós somos o evangelho do fim”. (Ventura Profana y Podenserdesligado, 2020).

A partir dos versos dessa música, há de se tornar diversas analogias à figura da travesti como uma entidade intercessora que possui o propósito de roubar de volta tudo que Deus (o devorador), tirou de cada um de nós. Ventura se coloca em uma realidade religiosa e de fé similar a de Maria e dos santos católicos, no entanto em nenhum instante a mesma se define ou se autointitula como “santa” e/ou “pura”, pelo contrário, a todo momento ela demonstra trabalhar contra essas terminações, o que elas representam, e também contra aqueles e aquelas que se encontram alinhados com essa realidade.

A quarta composição se chama “Um Novo Nome”, nessa canção as compositoras

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

projetam uma realidade de preparação para uma suposta guerra espiritual e social, no entanto tal guerra já se mostra existente há séculos, sendo a única alternativa “matar para não morrer”, como podemos perceber nos seguintes versos:

“Desembainha a espada  
Calcula para vencer  
Feitiço e intercessão  
Matar o mundo, para não morrer[...]  
[...]Batalha travada  
Declínio colonial  
Fúria flamejante, traveco sobrenatural[...]  
[...]Em verdade, em verdade vos digo  
Que antes que Abraão existisse, eu sou”. (Ventura Profana y Podenserdesligado, 2020).

Seguindo a conjuntura de análise das outras canções, podemos observar a reafirmação da identidade e da (re)existência travesti. Antes mesmo da própria bíblia ser escrita, travestis já existiam, sobreviviam e ressignificavam suas vidas e trajetórias cotidianas, sendo essa, uma batalha travada diária e coletivamente, no qual se faz necessário matar o restante do mundo, para que outres possam sobreviver.

Na quinta obra musical deste álbum, intitulada “EU NÃO VOU MORRER”, as artistas seguem a linha cronológica encontrada na Bíblia sagrada, ou seja, primeiramente surge a realidade da criação junto da figura do diabo, que acaba por “entortar” a criação de Deus, após esses acontecimentos, uma guerra espiritual e social é travada, resultando na vinda do Deus encarnado homem (Jesus Cristo), que posteriormente é assassinado devido às suas ações, e ressuscita no terceiro dia, conforme a profecia. Deste modo, essa canção retrata uma determinada “teimosia” para com a realidade da morte de pessoas trans, que assim como a de Jesus, já estava pré-definida. Jesus morre com a idade próxima a expectativa de vida de pessoas transgênero no Brasil (35 anos). A música narra uma realidade de resiliência, resistência e renascimento, com a repetição da frase: “As velhas terão sonhos, as jovens terão visões”, o que indica a continuidade geracional, como podemos observar a partir dos versos da canção:

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

“As velhas terão sonhos  
As jovens terão visões  
Ora pois, quando fomos amarradas e jogadas na fornalha  
Em sua mais alta temperatura  
Foi quando Deize se revelou a nós[...]  
[...]Nascemos em manjedouras[...]  
[...]E depois de crucificadas  
Ressuscitamos”. (Ventura Profana y Podenserdesligado, 2020).

Na sexta e última canção do álbum, intitulada “Vitória”, as artistas seguem a linha cronológica bíblica e narram as suas vitórias, mas não seguindo os padrões do cristianismo. Segundo as religiões cristãs, a vitória de Cristo sobre a morte é triunfante, incostetável e irreversível, diferente da realidade de vitória da(o), (u)s travestis. A luta por vitória da comunidade trans e LGBTQIAPN+ é incessante, não possui pausa, e jamais se encerra. A canção serve como uma forma de tributo à vitória diária de todes us travestis, no mundo inteiro. Segue abaixo os versos da música:

“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram  
O que foi preparado pra nós  
Pras que foram perseguidas por ser trava no (cis)tema  
Eternidade  
Vitória, vitória, vitória, vitória travesti  
Vou passar pelo fogo, não vou me queimar  
Vou passar pelas águas, não vou me afogar  
Nome de Travesti têm poder  
Não adianta ungir  
Os que não obedecem o caos  
Quando estiver em fente ao mar  
E não puder atravessar  
Chame as travas com fé  
Só elas abrem o mar”. (Ventura Profana y Podenserdesligado, 2020).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,  
Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

### 3. CONCLUSÃO

A partir da análise do Álbum, podemos perceber uma outra perspectiva de “Deus”, oposta a que muitas vezes nos é imposta por diversos movimentos, indivíduos e setores da sociedade.

Me permito nesse momento, da mesma forma que as autoras anteriores, contradizer o modelo acadêmico já conhecido e tecer uma conclusão que fale a respeito e de como essas autoras me leram. A análise teórica acerca da figura do “Deus problema” apresentado durante o texto, já foi realizada por elas.

Eu, enquanto jovem, ex-católico, que frequentou quase que diariamente o ambiente de uma Igreja durante um período de 17 anos, posso contradizer todas as figuras religiosas existentes e propagada pela ala da extrema direita masculinista mundial. A forma com que Ventura Profana e Podenserdesligado dialoga com essas co-existências se faz essencial. Muitos de nós crescemos idealizando um “Deus mito”, que não é a imagem e semelhança de todos, e muito menos a minha. O Deus cristão descrito nos capítulos anteriores jamais andaria junto de mim, pelo contrário, se a inquisição fosse hoje, eu morreria agora. E quantas vezes eu não morro diariamente, para que possa ter a chance de sobreviver e (re)existir no dia seguinte? A vida cotidiana de uma pessoa transgênero e não-binária permeia a morte. Morte essa experimentada diariamente, morte na qual eu me acostumo, morte essa que nem sempre é negativa e nem sempre parte dos outros, mas que muitas partes de mim mesmo. Se permitir morrer e até mesmo assassinar nossos “eus” do passado, é também uma legítima forma de sobrevivência. Ressignificar a existência de Deus, trazer à tona e compartilhar a criação de um Deus que me ame, me respeite e me aceite por eu ser quem é. Um Deus que jamais me queimaria vivo, ou me sacrificaria e me faria sacrificar a outros para provar a sua e a nossa lealdade. Um Deus não bíblico, mas real, vivo e que eu conheça.

Se eles podem criar um “Deus objeto”, que se adequa à todas as normas de crueldade e desumanidade existentes, porque eu não poderia criar um Deus somente meu e da minha comunidade? A realidade é que Deus é subjetivo, inerente a compreensão humana. Se eles fazem do Deus deles uma arma, eu

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

também o faço, e atiro primeiro, mato primeiro, destruo primeiro, e pego de volta para mim e para os meus, tudo que esse “Deus devorador” nos roubou.

“Já não sou eu quem vive, mas Deize que vive em mim”. (Gálatas, 2:20).

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Bruna Letycia Ribeiro. A Culpa é toda Delas: analisando a naturalização dos discursos dos celibatários involuntários (incels), no Brasil. RIBPSI: **Revista Iberoamericana de Psicologia**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 1-21, 14 fev. 2022.

BEM vindo a maior comunidade secreta de sedução e desenvolvimento da América-Latina. **PUABASE**. Brasil, 2024. Disponível em: PUA BASE | Sedução | Pick Up Artist. Acesso em: 16 fev. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Entenda: o movimento neonazista no Brasil e a ligação com Bolsonaro**. Youtube, 2022. Disponível em: ENTREVISTA: O movimento neonazista no Brasil e a ligação com Bolsonaro | CAMA DE GATO (youtube.com). Acesso em: 07 abr. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Nazismo e Neonazismo no Brasil. **Youtube**, 2022. Disponível em: Nazismo e neonazismo no Brasil com Adriana Dias | Podcast Matéria Bruta • Episódio 51 (youtube.com). Acesso em 07 abr. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Observando o Ódio: entre uma etnografia do neonazismo e autobiografia de David Lane. **Repositório de Produção Científica e Intelectual da UNICAMP**. Campinas, v. 8, n. 4, p. 1-366, 2018.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Os Anacronautas do Teutonismo Virtual: uma etnografia do neonazismo na internet. **Repositório de Produção Científica e Intelectual da UNICAMP**. Campinas, v. 6, n. 4, p. 1-329, 2007.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães; SUGIMOTO, Luiz. DO Discurso à Prática do Ódio?: grupos neonazistas e suas lideranças. **Youtube**, 2021. Disponível em: (8) Do discurso à prática do ódio?: grupos neonazistas e suas lideranças | Adriana Dias (UNICAMP) - YouTube. Acesso em 07 abr. 2024.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. Um Mergulho no Universo Neonazista. **Main Superior: Jornal da UNICAMP**. Campinas, 28 set. 2018. Disponível em: Um mergulho no universo neonazista | Unicamp. Acesso em: 08 abr. 2024.

DOS SANTOS, Roberto Elísio. **As Teorias da Comunicação: da fala à internet**. USCS, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-68, 2003.

EIRAS, Natália. MGTOWS: eles desprezam tanto as mulheres que preferem ficar sozinhos. **UNIVERSA UOL**. Brasil, 29 jul. 2024. Disponível em: MGTOWs: eles desprezam tanto as mulheres que decidiram ficar sozinhos - 29/07/2019 - UOL Universa. Acesso em: 13 fev. 2024.

JASPERS, Karl. **A Questão da Culpa: a Alemanha e o nazismo**. Brasil: Editora: Todavia, 2018.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate  
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

MARQUES, João Guilherme. **A Machosfera e o Neonazismo**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

OLIVEIRA, Thaiane. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. **Revista Fronteiras de Estudos Midiáticos**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 1-15, abr. 2020.

POR dentro da machosfera, onde homens debatem reação ao feminismo e técnicas de sedução. **BBC**. Brasil, 11 mai. 2023. Disponível em: O que é a 'machosfera', onde homens debatem masculinidade e reação ao feminismo - BBC News Brasil. Acesso em: 17 fev. 2024.

RAMOS, Marton de Almeida. O Controle do Ciberespaço para Manutenção da Soberania Nacional. **Revista da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 1-17, 3 abr. 2019.

SILVA, Guilherme Carmo, et al. **Celibato Involuntário: bolhas sociais e toxicidade na internet**. 12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-5, 2021.

THISOTEINE, George Miguel, et al. Homens, Violência e Consumismo: análise da masculinidade nos grupos virtuais MGTOW e no filme Clube da Luta. **Revista Diversidades e Educação**, Rio Grande, v. 9, n. 1, p. 1-23, 30 jul. 2021.

TRAQUEJOS Pentecostais Para Matar o Senhor [Podenserdesligado; Ventura Profana]. DeckDisc, 2020. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNpb0xzO-Ls&list=PLxTNTKzZ9mApehU5L2IOAgmbParQnzkWw>. Acesso em 07 ago. 2024 (6 músicas).

VILAÇA, Gracila; D' ANDRÉA, Carlos. Da manosphere à machosfera. **ECOPÓS**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 1-31, novembro 2021.